

**MIRANDO O OLHAR À ROTINA DO BRINCAR DA CRIANÇA EM CASA:
PENSAR A INFÂNCIA SAUDÁVEL E COM EXPERIÊNCIAS**

TAKING A LOOK AT THE CHILDREN'S PLAYING ROUTINE AT HOME: THINKING
A HEALTHY CHILDHOOD AND WITH EXPERIENCES

UNA MIRADA A LA RUTINA DE JUEGO DE LOS NIÑOS EN CASA: PENSANDO
UNA INFANCIA SANA Y CON EXPERIENCIAS

Marilete Calegari Cardoso¹ 0000-0002-4088-8249

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Jequié, Bahia, Brasil; correio marilete.cardoso@uesb.edu.br

RESUMO:

O artigo em tela tem por objetivo refletir a favor do brincar livre das crianças, com ênfase na experiência do brincar das crianças no contexto pandêmico COVID19, no período 2020 a 2021, a fim de analisar a rotina da criança neste tempo de distanciamento social, bem como identificar qual a cultura lúdica da criança em seu ambiente familiar. Uma pesquisa com base nos princípios qualitativos, ancorada na fenomenologia que tem caráter descritivo e exploratório, que teve como instrumento de coleta de informações o questionário online - respondido pelo responsável da criança, perfazendo um total de 49 participantes. Neste artigo serão apresentados e analisados os dados relativos a apenas 20 famílias. Os principais resultados trazem dados reveladores quanto às condições e desafios da rotina das crianças, os brinquedos, brincadeiras e lugares que elas brincam em casa durante a pandemia.

Palavras-chave: brincar livre; pandemia; criança e infância;

ABSTRACT:

Abstract: The article in question aims to reflect in favor of children's free playing, with emphasis on the experience of children's playing in the context of the COVID19 pandemic, in the period 2020 to 2021, in order to analyze the child's routine in this time of social distancing, as well as how to identify the playful culture of the child in their family environment. A research based on qualitative principles, anchored in phenomenology that has a descriptive and exploratory character, which had the online questionnaire as an instrument for collecting information - answered by the person responsible for the child, making a total of 49 participants. In this article, data relating to only 20 families will be presented and analyzed. The main results bring revealing data regarding the conditions and challenges of children's routine, the toys, games and places they play at home during the pandemic.

Keywords: free playing; pandemic; child and childhood

RESUMEN:

El artículo en mención tiene como objetivo reflexionar a favor del juego libre infantil, con énfasis en la experiencia del juego infantil en el contexto de la pandemia del COVID19, en el período 2020 a 2021, con el fin de analizar la rutina del niño en este tiempo de distanciamento social. Así como también cómo identificar la cultura lúdica del niño en su entorno familiar. Investigación basada en principios cualitativos, anclada en la fenomenología que tiene un carácter descriptivo y exploratorio, que tuvo como instrumento de recolección de información el cuestionario en línea - respondido por el responsable del niño, haciendo un total de 49 participantes. En este artículo, se presentarán y analizarán datos relacionados con solo 20 familias. Los principales resultados traen datos reveladores sobre las

condiciones y desafíos de la rutina de los niños, los juguetes, juegos y lugares que juegan en casa durante la pandemia.

Palabras clave: juega gratis; pandemia; niño e infancia.

Introdução

Olhar
Com os olhos profundos
o olhar que nos olha. [...] olhar,
deter-se
e ver
o invisível,
o indizível,
o indescritível. [...] (Friedmann, 2013)

Olhar é tomar conta daquilo que existe a nossa volta, quando buscamos dar sentido no próprio ato. Neste estudo, nosso olhar nos remete às crianças, que em tempo da pandemia do novo coronavírus, o SARS-CoV-2, em 2020 e 2021, quando as crianças tiveram suas creches e escolas fechadas e, simultaneamente lutaram para se adaptar junto à família, a uma nova rotina no contexto doméstico. Em distanciamento social, elas sobreviveram a um período cheio de incertezas e inseguranças. O distanciamento social que causou grandes impactos na saúde mental das crianças e dos familiares, pois lutaram com a mudança às atividades remotas¹ (BRASIL, 2020; ALVES, 2020) o medo pela contaminação do COVID19, a separação de familiares, o luto, entre outros. Assim, neste texto, miramos com nossos olhos para o livre brincar ou brincadeira espontânea da criança e a cultura lúdica no ambiente familiar, para ver o invisível que tem sido pouco falado. E, com isso, abrir caminhos para pensar a infância e a criança mais saudável, natural e com experiências. Ou seja, é necessário pensar e problematizar a criança, como “verbo *criançar* - “com todas as suas astúcias, peraltices, curiosidades, atitudes destemidas, arrojadas, criação etc” (RAIC; CARDOSO; SOUZA, 2021, p.122).

Trazemos à baila a rotina do brincar da criança em casa, por compreendermos que é imprescindível discutir e problematizar como um tema emergente. Em março de 2020, com a

¹ A Portaria nº 343/2020 do Ministério da Educação (MEC), normatiza as medidas da suspensão de atividades educacionais, em território nacional, e o ensino remoto passou a ser regulamentado como continuidade do calendário escolar de 2020-2021. O ensino remoto se organizou mediante a implementação de “práticas pedagógicas mediadas por plataformas digitais, como aplicativos com os conteúdos, tarefas, notificações e/ou plataformas síncronas e assíncronas como o Teams (Microsoft), Google Classroom, Google Meet, Zoom [...]” (ALVES, 2020, p. 352).

chegada da COVID 19 no Brasil², as crianças tiveram suas creches e escolas fechadas, e simultaneamente, tiveram que se adaptar junto à família, a uma nova rotina no contexto doméstico, em distanciamento social, para sobreviverem a um período cheio de incertezas e inseguranças. Torna-se cada vez mais nítido que esta crise perdurará além da pandemia, pois precisamos pensar “na quarentena a partir da perspectiva daqueles e daquelas que mais têm sofrido com estas formas de dominação e imaginar, também da sua perspectiva, as mudanças sociais que se impõem depois de terminar a quarentena” (SANTOS, 2020, s/p).

Após um ano em que o atendimento às crianças pequenas, assim como as atividades escolares presenciais foram suspensas, advinda com o distanciamento social, a complexa questão dos trabalhos pedagógicos remotos com uso de tecnologia também atravessou a Educação Infantil. Essa feita causou grandes impactos na saúde mental das crianças e dos familiares, diante do fechamento das escolas e a interrupção das atividades não essenciais, bem como os desafios impostos pelas atividades remotas. As crianças foram privadas do convívio com seus avôs, suas avós e outros familiares, de atividades culturais, em espaços abertos, e das brincadeiras em grupo. Outro agravante, é o que Maria Walburga dos Santos e Marilete Calegari Cardoso (2021), nos alertam: “Brincar, eixo estruturante das propostas pedagógicas é transformado numa espécie de “lição de casa” e serve como panaceia para qualquer “atividade” ou “tarefinha” na educação infantil remota, deslocando a compreensão teórica que temos do termo” (SANTOS; CARDOSO, 2021, p.8). Ou seja, o lúdico nesta etapa de educação não pode ser visto como uma prática para distrair os alunos, mas sim, eixo ou elemento estruturante pedagógico “que visa despertar neles, o espírito criativo e de liberdade que lhes pode torná-los principais protagonistas da sua aprendizagem” (N’ DALA; SAMUEL; GOMUNDANHE, 2022, p.6).

Ademais, necessitamos refletir a pandemia da criminalização dos movimentos sociais em que o poder estatal tenta transformar em ilegal a luta por direitos e conquistas sociais. A infância e o direito das crianças não ficam fora desse retrocesso. A diretora executiva do Fundo da ONU para a Infância, Unicef, nos alerta que “a pandemia da covid-19 está rapidamente se tornando uma crise dos direitos da criança” (FORE,2020, s/p.). Essa crise dos direitos norteia nossa problemática de investigação a respeito do potencial do brincar livre - pouco visto ou não reconhecido no ambiente familiar e no espaço escolar, nos remete a fortes indícios de que os obstáculos referentes ao confinamento da criança já existiam bem antes da pandemia. Conforme destaca Carlos Neto (2021), as crianças já estavam confinadas em determinados espaços de sua

²No Brasil, tivemos o total de Casos. 37.693.506. Óbitos. 704.320. Incidência/100mil hab. 17936,7. Consultado em 14/07/2023 - 07h33min. Site: <https://covid.saude.gov.br/>

casa, em consequência de uma excruciante falta de tempo e de espaço. Nos últimos tempos, podemos observar, ainda, que elas estão cada vez mais afastadas da natureza e dos espaços livres para as brincadeiras.

O espaço urbano, por exemplo, tem se configurado como um lugar de potencialização ou restrição para formação da cidadania na infância (SARMENTO, 2018). Esse problema “do confinamento das crianças em espaços especializados e privados está ligado à preocupação dos adultos em assegurar proteção às crianças” (FARIAS; MÜLLER, 2017, p. 263). Para estes pesquisadores, a falta de contato da criança com espaços públicos (espaços vazios, calçadas, ruas, praças, esquinas e cantos) “pode vir a afastar as crianças da convivência com outros grupos geracionais e propiciar uma visão limitada da cidade”, como apontam Farias e Müller (2017, p. 263).

Neste sentido, este trabalho é parte de uma pesquisa interinstitucional em desenvolvimento, envolvendo duas universidades públicas da Bahia, a respeito da potencialidade dos materiais não estruturados para o brincar livre das crianças de creches e pré-escolas. Devido ao contexto pandêmico do COVID 19, com fechamentos das instituições de ensino, buscamos compreender como o brincar da criança aconteceu em sua casa, a fim de analisar a rotina da criança em tempos de distanciamento social, bem como identificar qual a cultura lúdica da criança em seu ambiente familiar.

Infância como experiência: por que é tão urgente o brincar livre da criança?

A infância, enquanto experiência tem sido um tema filosófico recorrente em boa parte da história da Filosofia, tornando-se objeto de intensa polêmica, na modernidade, e se constituindo como um problema na contemporaneidade. Segundo Walter Kohan (2015, p.225) “não há vida só na infância. Mas, tampouco, há vida sem infância”. Nesta reflexão, percebemos a grandeza do ser criança colocada pelo autor, a produção de sentidos dentro de um espaço e tempo para transformação do ser enquanto social e cultural, a partir das suas experiências. A criança deve ser marcada “com o movimento e a experimentação, o que temos chamado de *criançar*”. (RAIC; CARDOSO; SOUZA, 2021, p. 127 – Grifos das autoras). Por isso, é preciso pensar, então, no tempo da experiência, o tempo da brincadeira séria, para que a criança possa

descobrir, criar e pensar. Faz-se, portanto, urgente que as crianças experivivenciem³ o brincar livre no espaço domiciliar e no espaço escolar!

Uma das principais experiências na infância das crianças está diretamente relacionada ao brincar. Nos estudos de Cardoso (2018), sobre o brincar livre, vimos que a origem da palavra brincar vem do germânico *blinkan*, que significa gracejar; e do latim *vinculum*, que quer dizer algema. O termo *vinculum* deu origem a palavra brinco e ao verbo brincar, sinônimo de divertir-se. De acordo com Sutton-Smith (2017), o brincar é uma atividade social com significado variável em função do tempo e da cultura, mas que sempre garante à criança uma liberdade de criar e tomar decisões. Há, portanto, diversas capacidades que podem ser estimuladas e desenvolvidas pelo brincar. A base do Brincar Social Espontâneo (BSE), defendido por Lopes (2016), é justamente a promoção da comunicação e da interação entre os pares. Conforme advoga Kishimoto (2010) a brincadeira é uma atividade social e cultural que retrata ações, hábitos e práticas cotidianas da sociedade. De acordo com Fortuna (2011) o livre brincar promove “a experiência e o aprendizado da transformação social em uma perspectiva emancipatória” (FORTUNA, 2011, p. 67). O brincar livre é, portanto, uma manifestação lúdica que, além de entreter e divertir traz consigo formas de comunicação e cidadania (CARDOSO, 2018; CARDOSO; D’ÁVILA, 2022).

Nossas compreensões acerca do brincar livre e brincadeiras espontâneas, são atividades sem a intervenção de adultos, “como fluxo de experiência que deixa fluir o espírito livre da criança, num interjogo sobre diversas formas, possibilitando-a imaginar, agir e criar cenas da trama da vida” (CARDOSO, 2018, p.65).

No brincar livre, a criança estabelece um vínculo, uma ligação com algo em si mesmo e com o outro, por se projetar a própria corporeidade, e tem experiências de forte carga erótica [...] trata-se da sensibilidade, uma carga emocional, afetiva. [...] elementos à esfera do psicológico – a paixão, as emoções – e demonstra sua eficácia na organização das relações sociais. O vínculo, aqui, constitui-se organicamente na posse comum de valores enraizados, como: língua, posturas corporais, ou coisas das minúsculas situações da vida cotidiana [...] (CARDOSO, 2018. p. 63-64)

Para Gandhy Piorski (2016), o brincar se faz com a vida, com cenas do cotidiano em que a criança utiliza elementos brutos da terra, aqueles do universo da casa, da família, os que imitam a vida cultural e que sugerem um enraizamento social e não com produtos adquiridos em lojas. Em outras palavras, “ [...] são esses brinquedos construídos não por artesãos ou

³ Experivivência é o termo utilizado por Conceição Lopes, que traz a junção das palavras: experiência e vivência. Para a autora, o brincar espontâneo é intrinsecamente automotivado. “As crianças brincando, entre si, comunicam consigo próprias e com os outros, compartilham e revelam o que pensam, como dizem os mundos das suas experivivências” (LOPES, 2016, p.9).

designers, mas pelas mãos das próprias crianças” (PIORSKI, 2016, p.45). Assim, o brincar livre para criança não é só um momento prazeroso, pois é um mecanismo orgânico e cultural, na qual a criança vê o brincar como uma ação prazerosa e que não se limita a realidade que vive. Conforme Francesco Tonucci “O prazer é o motor disto, o mais potente já conhecido pelo homem. É por isso que uma criança quando brinca esquece de comer. O jogo livre e espontâneo da criança se assemelha às experiências mais elevadas e extraordinárias do adulto” (TONUCCI, 2020a, p. 241).

Para Tizuko Morchida Kishimoto,

[...] tais experiências permitem que as crianças aprendam a se movimentar, falar e desenvolver estratégias para solucionar problemas, e, isto ocorre, porque a brincadeira tem papel preponderante no ponto de vista de uma aprendizagem exploratória, ao favorecer a conduta divergente, a busca de alternativas não usuais, integrando o pensamento intuitivo (KISHIMOTO, 2002, p.151).

Assim sendo, pelas brincadeiras infantis, a criança experimenta múltiplas linguagens da vida; “[...] já que a cultura infantil é um tecido de fios diversos: da cultura da família, da cultura criada por cada criança, a partir da sua natureza, da cultura da escola, da cultura dos seus grupos” (FRIEDMANN, 2013, p.63). Tais experiências e formas culturais não brotam espontaneamente, já que emergem num recíproco movimento das produções culturais dos adultos para as crianças e das criações geradas pelas crianças nas suas interações. Por isso, a criança, quando brinca, torna-se uma linguagem fundamental da infância, por estar carregado de experiências que promovam a liberdade, ativa seu pensamento à criação.

Contudo, é importante fazer um alerta, pois nos últimos anos, nossas crianças estão cada vez mais afastadas da natureza e de espaços livres para brincarem. Nas palavras de Manuel Jacinto Sarmiento, “[...] o espaço urbano tem sido um lugar problemático de potencialização e de restrição, na cidadania na infância” (SARMENTO, 2019, s/p.). Neste cenário, juntamos as reflexões das pesquisadoras Eunice Castro Seixas, Catarina Tomás e de Niccolò Giacchetta (2020), que em seus estudos apontam “[...] o atropelo aos direitos da criança, é uma realidade, porque é-lhes cerceado o direito de vivenciar a cidade na sua plenitude, de ter tempo ao tempo livre, de ter tempo a brincar nos espaços públicos e ter autonomia de escolha e circulação” (SEIXAS; TOMÁS; GIACCHETTA, 2020, p.137). A esse pensamento, Manuel Jacinto Sarmiento (2016, p.5), também, já chamava atenção:

[...] a vida das crianças nas cidades é afetada pela organização dos espaços urbanos, pelas condições de mobilidade, pelas oportunidades constituídas no âmbito da satisfação de necessidades e de direitos, nomeadamente nos âmbitos da educação, da proteção contra o perigo, do lazer, da saúde etc. [...].

A configuração de espaços públicos que elimina a possibilidade de uma experiência verdadeiramente democrática, para Sarmiento (2018, p.233), “[...] constitui uma forte limitação à autonomia infantil e impõe pautas regulatórias dos comportamentos”. Ao analisar este problema, o autor afirma que, “[...] o reflexo é muito visível: ansiedade, insegurança, irritabilidade ou apatia, depressão, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, entre outros sintomas” (SARMENTO, 2016, p. 5).

Temos um contexto de bastante dificuldade, mas dentro das casas existem focos de vitalidade, de pulso, ali acontecendo. Essa resiliência se mostra no brincar. Então percebemos que o que estamos vendo e ouvindo das famílias vai além do momento da pandemia. Ela dá notícias de como as crianças têm esse mecanismo regulador de saúde, que é o brincar, e de compreensão de mundo e, essencialmente, de compreensão de si mesmo. (MEIRELLES, 2021, s/p.)

Compreendemos que, particularmente na infância, o brincar é um reflexo “da própria criança, do lugar que ela ocupa e da relação que ela mantém com o mundo” (BROUGÈRE, 2004, p. 14). O brincar se refere a diversidade de coisas que se realiza reelaborando sentidos e significados para aquele momento que vivência. A criança manipula e constrói seus brinquedos a partir de vivências culturais múltiplas, que irão possibilitar a conscientização das limitações, das habilidades e das facilidades que cada indivíduo apresenta na relação consigo mesmo, com os demais e com os objetos (CARDOSO, 2018).

A brincadeira é a experiência mais importante na vida de uma pessoa. A riqueza deste movimento está na “[...] capacidade humana de se relacionar com o real, aprendendo-o e expondo-o por meio da linguagem” (SARMENTO, 2018, p.237). Por isso, “[...] ao longo da vida, todo o cimento sobre o qual se constroem nossa formação e nossa cultura, foi adquirido nos primeiros anos de vida, brincando (TONUCCI, 2020b, s/p.). Mas, para pessoas viverem em lazer, em especial, as crianças brincarem, elas precisam de ambientes para brincar. Neste sentido, faz-se necessário criarmos espaços e tempos para as crianças brincar em livremente; uma vez que “[...] esta experiência proporciona para elas o desvendar no imaginário e a própria essência de ser criança, quando dada oportunidade a ela de vivenciar o movimento, com seu eu-outro emundo, na qual coletivamente possa pensar e construir suas regras” (CARDOSO, 2018, p. 86). Neste sentido, o brincar espontâneo da criança, consoante Fernández (2001, p.71), “[...] não é só produtor do sujeito enquanto sujeito desejante, mas também enquanto pensante”.

Metodologia do Estudo

Esta pesquisa pautada em princípios qualitativos, tem caráter descritivo e exploratório, sendo ancorada na fenomenologia inspirada nas obras de Maffesoli (2009), por apontarem uma

análise compreensiva dos fenômenos da vida social e a noção de sensibilidade, na ótica do paradigma orgânico, que agrega à experiência a narrativa, a intuição e o fazer inventivo-criativo.

Utilizamos como instrumento de coleta de informações um questionário on-line, com quatro questões abertas referentes a rotina das crianças e quatro questões fechadas referentes ao perfil, tipos de brinquedos, brincadeiras e lugares da casa que a criança mais gosta de brincar. O questionário foi encaminhado para os responsáveis da criança por uma mensagem via *Whatsapp* com o hiperlink do formulário disponível na plataforma *Google Forms*. Tivemos o retorno de 49 responsáveis, mas, neste artigo, serão apresentados e analisados os dados relativos a apenas 20 participantes. Os dados produzidos e discutidos foram tabulados em planilha eletrônica do programa *Excel Windows*. Utilizamos a técnica de análise de conteúdo, com inspiração hermenêutica com as categorias elaboradas a priori: a) a criança e sua rotina em casa em tempos da pandemia; b) os brinquedos, brincadeiras e lugares que as crianças brincam em casa.

Resultados do Estudo

A criança e sua rotina em casa em tempos da pandemia

A criança é ser humano pequeno, exuberante de vida e de história. Hoje, as crianças enquanto sujeitos sociais deste tempo, transcende o “lugar da criança” e vem sendo marcadas com o movimento e a experimentação (KOHAN, 2004). Neste sentido, a infância deixa de ser apenas uma etapa cronológica e assume uma condição de possibilidade da existência humana. Isso não significa um abandonar a infância como primeira idade, mas a ampliar a compreensão desse sentido. Assim, compreendemos a criança, em sua formação, a partir de demandas e realidades, possibilitando formas de ser e estar no mundo a partir de tempos reais.

Mas, de quais crianças estamos falando neste estudo? Estamos falando de crianças que moram no município de Jequié, interior da Bahia. Crianças que estão no auge do processo de desenvolvimento motor, linguagem e imaginário, com uma força vital, com capacidade de retomar e construir vínculos e experiências, como processo de autoria social. Dos 20 questionários analisados, observamos que 45% são meninas e 55% são meninos, com faixa etária de 39% com 4 anos, 17% com 5 anos, 11% com 8 anos, 11% com 3 anos, 11% com 2 anos.

Essas crianças têm potencial ativo que interagem e “[...] possuem uma ação social no contexto em que vive e que ela impacta seu mundo, que se apropria dele e que é detentora de um conhecimento do mundo a partir do qual atua e se relaciona com tudo e com todos ao seu redor” (TEBET, 2018, p. 208). Elas são produtoras de suas experiências, por meio do “trabalho de suas mãos ou labor do seu corpo” (ARENDRT, 2007, p. 220). Em outras palavras, as crianças exploram “este mundo à vontade, até esgotá-lo em sua totalidade. [...], mas o faz o sentido de um mundo que abunda, de um mundo onde se pode *gozar a vida*” (MAFFESOLI, 2009, p.83 – Grifos do autor).

O distanciamento social na pandemia, levou a criança ao confinamento e trouxe novos desafios para a família. Ficou perceptível que a qualidade da educação também se faz pelas relações entre pessoas, pela socialização e pelo vínculo. Todas as crianças anseiam por liberdade e experiência. Por isso, é preciso “pensar na casa como um possível e potente “laboratório para se descobrir coisas”: pular, correr, pintar, cozinhar, lavar a louça, ler um livro, teatralizar, contar histórias” (TONUCCI, 2020b, s/p.). No entanto, ao analisarmos a fala dos responsáveis (R1 e R2) a respeito da rotina das crianças, a casa não tem sido este laboratório:

É difícil conciliar os meus estudos com a rotina em casa, as vezes quando estou muito atarefada deixo ela na casa da minha mãe. (R1)
[...]um momento bem complicado, pois eles têm muita energia, sentem falta do convívio com outras crianças, e infelizmente não conseguimos dá a atenção necessária devido as nossas atividades profissionais e educacionais. (R2)

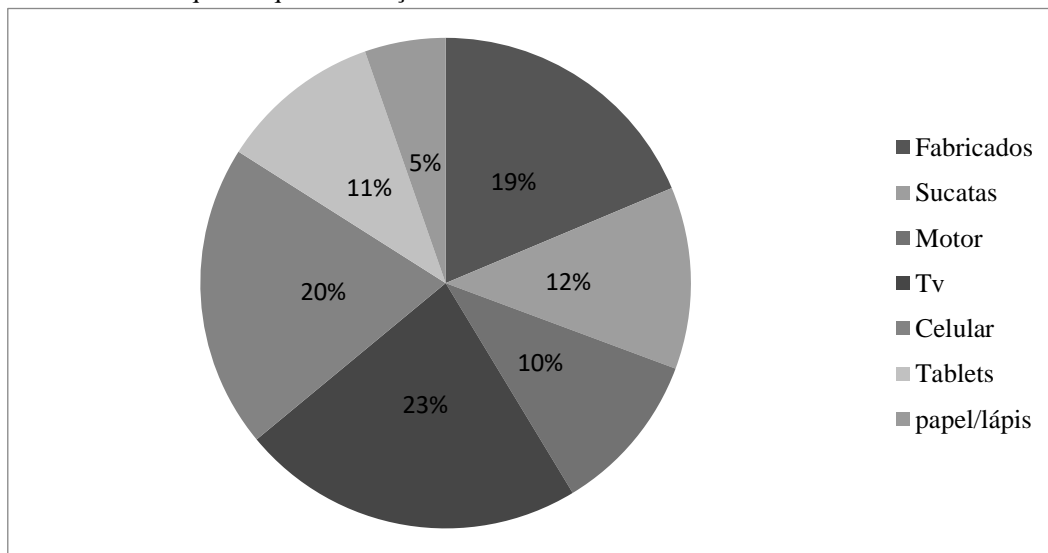
Cada criança recria a vida humana. É uma ideia antiga essa de que nascemos inacabados, que não estamos inteiramente feitos, no sentido de que temos que descobrir e inventar a nós mesmos e ao mundo. Para Pastore (2020), no cenário atual, as infâncias parecem confinadas, em espaços que, parece não permitir sua existência. “[...] *com a rotina quebrada, as crianças ficaram bem estressadas e ansiosas. Em relação ao aprendizado, arrisco dizer que pior do que um estagnação, ouve um regresso*” (R3). Quando pensamos no confinamento, não são apenas de corpos confinados, mas de experiências, de essências, de relações, de toque, de trocas (PASTORE, 2020).

Brinquedos, brincadeiras e lugares que as crianças brincam em casa

O confinamento que vivemos, durante o surto da COVID-19, as crianças já viviam antes da pandemia. No Gráfico 1, percebemos que os brinquedos ou brincadeiras mais realizadas pelas crianças, são experiências que pouco potencializam o movimento do corpo: 23% assistem TV, 20% brincam com o celular, 19% com brinquedos fabricados, 12% com materiais não

estruturados e sucatas, e apenas 11% brincam com bicicletas, bolas e outros brinquedos motores.

Gráfico 1 – Brinquedos que as crianças brincam



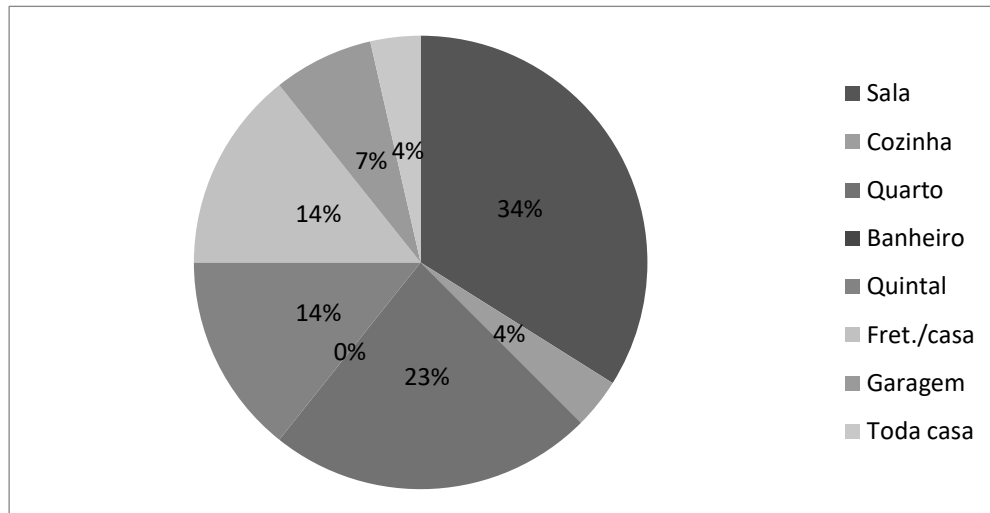
Fonte: Dados da Pesquisa

Para Silva; Kunz (2019, p.101), “[...] os jogos e brincadeiras infantis, do brincar juntos, estão se perdendo e sendo substituídos pelos ‘jogos eletrônicos’, em geral, de forma solitária”. Essas evidências também são percebidas nas falas dos responsáveis ao apontarem que as brincadeiras das crianças vivenciadas em suas casas na pandemia têm um predomínio para o isolamento:

“Só quer ficar com celular na mão. Fica no quarto, na sala”;
“Quando terminam as atividades nas quais são responsáveis brincam com celular”;
“Passam mais tempo vendo TV”;
“Dentro de casa assistindo TV ou no computador”;
“Celular e no quarto”.

Para Sarmiento (2011), as práticas sociais das crianças na internet são social e culturalmente situadas. A cultura lúdica não desaparece, mas transforma-se e reestrutura-se por efeito do computador, do brinquedo eletrônico e dos programas informáticos. Por outro lado, consideramos que essas crianças vivem numa sociedade majoritariamente urbana, que se apoia em um processo sistêmico que pouco valoriza e desfruta da vida ao lado de fora, que pouco brinca na natureza, se restringido a espaços fechados. O Gráfico 2, indica lugares que as crianças brincam neste período de pandemia, sendo que 34% utilizam a sala e, 23% usam o quarto. Dos espaços exteriores para o brincar apenas 14% utilizam o quintal ou a frente da casa, e 7% utilizam a garagem.

Gráfico 2 – Lugares que as crianças brincam



Fonte: Dados da Pesquisa

As brincadeiras e os modos de vida de muitas crianças têm sido empobrecidos de poucas experiências, haja vista, “[...] a maioria das crianças, atualmente, não está autorizada sequer a andar pela própria rua onde mora, as chances de elas explorarem o mundo natural sozinhas são mais remotas ainda” (MEYER; ZIMMERMANN, 2020, p. 25). Experiências e formas culturais não brotam espontaneamente, emergem num recíproco movimento das produções culturais dos adultos para as crianças e das criações geradas pelas crianças nas suas interações.

Considerações em Aberto

Considerando fundamental ver e escutar as crianças, a partir de suas experiências de vida, a fim de entendê-las como cidadãs, com direito de serem ouvidas e atendidas em suas necessidades, desejos e interesses, ressaltamos que, no percurso aqui realizado, procuramos refletir a favor do brincar livre das crianças, com ênfase na experiência do brincar das crianças no contexto pandêmico COVID19. Quando, então, pensamos na relação existente entre o brincar livre na rotina da criança neste tempo de distanciamento social, concluímos que as crianças já viviam confinadas em suas casas, com raras experiências com o brincar livre e produção de seus brinquedos

As análises desse estudo, também sinalizam que a cultura lúdica da criança em seu ambiente familiar se restringe a espaços fechados, por meio de “jogos eletrônicos”, em geral, de forma solitária. Compreendemos que, as crianças que não têm oportunidade de brincar na natureza significam que elas não conhecem o seu valor, exceto de maneira superficial. Brincar

ao ar livre é a magia da nossa essência. Não há dúvidas de que, ainda, precisamos avançar rumo a superação de um ambiente familiar e escolar que nega a liberdade de criação das nossas crianças. Felizmente, apesar desta evidente contradição, estas mesmas crianças, em seu brincar livre, sem amarras, continuam corajosamente resistindo às contradições que apontam para os riscos de sua desapareição, ao mesmo tempo em que fortalecem a sua relação com o tempo presente.

Este estudo permitiu concluir, então, que a infância e a experiência são possibilidades reais da existência humana. Assim, defendemos por espaços livres em que a criança possa usar sua potência de agir, em processo profundo de singularização. Oferecer espaços de brincadeiras como força de experiências para que ela crie oportunidades para que suas “infâncias” sejam mais saudáveis.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete. Educação Infantil: implementar o exercício da infância. In: ABRAMOWICZ, Anete; TEBET, Gabriela Guarnieri de C.(org.) **Infância & Pós-estruturalismo**. 2 ed., São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

ALVES, Lynn. Educação Remota: entre a Ilusão e a Realidade. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v.8, n.3, p. 348-365, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251> Acesso em: 11 de fev 2022.

ARENDT, Hannah. **A condição Humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. **Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19**. 2020. Disponível: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 11 fev. 2022.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Companhia**. São Paulo: Cortez, 2004.

CARDOSO, Marilete Calegari. **Catadoras do brincar**: o olhar sensível das professoras acerca do brincar livre no ensino fundamental I e suas ressonâncias para a profissionalidade docente. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia-UFBA, Salvador, Bahia, 2018.

CARDOSO, Marilete Calegari; D'ÁVILA, Cristina. Affordances no livre brincar das crianças do ensino fundamental i: ambiente fértil de agência e criação. In: TEIXEIRA, Cristina Maria d'Ávila (org). **A lira do brincar: a ludicidade da educação infantil à educação universitária**. Editora: CRV, Curitiba, 2022. ISBN- 9786525138039

FARIAS, Rhaisa Náia de Pael; MÜLLER, Fernanda. A Cidade como Espaço da Infância. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 261-282, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/6FSDtKhCPWkPPMdQzwGzSHn/?format=pdf&lang=pt>

FORE, H. Unicef: covid-19 “está se tornando rapidamente uma crise dos direitos da criança”. **RETS- Rede Internacional de Educação de Técnicos em Saúde**. Publicado em: 13/05/2020. Disponível em: <http://www.rets.epsjv.fiocruz.br/noticias/unicef-covid-19-esta-se-tornando-rapidamente-uma-crise-dos-direitos-da-crianca> Acesso:

FORTUNA, Tânia Ramos. **A formação lúdica docente e a universidade: contribuições da ludobiografia e da hermenêutica filosófica**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FRIEDMANN, Adriana. **Linguagens e Culturas Infantis**. São Paulo: Cortez, 2013.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Depoimento para o GT: educação da criança de 0 a 6 anos. *In: ANPED- Caxambu Reuniões/25/gt07*. (Texto encomendado), 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br>. Acesso em 17 set.2008.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. Seminário Nacional: Currículo em Movimento: Perspectivas Atuais, 1, Belo Horizonte, nov. 2010. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002135946> Acesso em: 08 dez. 2021.

KOHAN, Walter. O. **Apontamentos filosóficos para uma (nova) política e uma (também nova) educação da infância**. Rio de Janeiro, 2004.

KOHAN, Walter Omar. Visões de filosofia: infância. **ALEA**. Rio de Janeiro. vol. 17, 2, | p. 216-226, jul-dez 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/BSTBy7dzDtwS4QffDZVwmhK/?lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2021.

MAFFESOLI, Michel. **A República dos Bons Sentimentos**. São Paulo, Iluminuras: Itaú Cultural, 2009.

MEYER, Bernhard.; ZIMMERMAN, Stefanie. **Cidades para brincar e sentar: uma mudança de perspectiva para o espaço público**. [GehradBrodt]. Instituto Alana, São Paulo, 1ª ed., 2020.

MEIRELLES, Renata - “Escutas para o Brincar Livre: do campo ao isolamento”. **YouTube**. 31 de março de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?list=PLwtaWcfcGzZESjUVoyBX9JdkuLiQ3B-c&time_continue=2&v=wDrk9hQaXpM&feature=emb_titl. Acesso em: 15 mar. 2022.

N’ DALA, Arsénia das Dores Rafael; SAMUEL, José Valério; GOMUNDANHE, Almeida Meque. A prática de atividades lúdicas e o processo de aprendizagem dos alunos em contexto da Covid-19. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 1, p. e11177, 2022. DOI: 10.22481/redupa.v1.11177. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redupa/article/view/11177>. Acesso em: 16 jul. 2023.

NETO, Carlos. A cidade como espaço do brincar e dos direitos da criança. Seminário Do Brincar 2021 (Universidade de Lisboa - Portugal), **YouTube**, 15 de mai. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wVkOrKT9IQ8>. Acesso em: 15 mar. 2022.

PASTORE, Marina Di Napoli. Infâncias, crianças e pandemia: em que barco navegamos? **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**. 29, e 2797, 2021.

<https://www.scielo.br/j/cadbto/a/YH4Ln7JjzzQn3CdhCskYpCz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 15 mar. 2021.

PIORSKI, G. **Brinquedos do Chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. Editora Petrópolis, 2016.

RAIC, Daniele Farias Freire; CARDOSO, Marilete Calegari; SOUZA, Josemary da Guarda de. O brincar livre em composições curriculares no ensino fundamental: perspectivando uma educação menor. **APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, [S. l.], n. 25, p. 121-139, 2021. DOI: 10.22481/aprender.i25.8440. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/8440>. Acesso em 15 mar. 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Almedina; 2020. 32p. ISBN 978- 972-40-8496-1.

SANTOS, Maria Walburga dos; CARDOSO, Marilete Calegari. Educação e infância: Pandemia, tecnologias e o distanciamento das crianças. Dossiê: Educação e tecnologias no contexto da pandemia pelo coronavírus e isolamento social: cenários, impactos e perspectivas. **Revista Cocar**. Edição Especial. n.09, 2021, p.1-18. ISSN: 2237-0315.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A reinvenção do ofício de criança e de aluno. **Atos de Pesquisa em Educação**. PPGE/ME FURB - ISSN 1809-0354 v. 6, n. 3, p. 581-602, set./dez. 2011. Acesso em: 05 set. 2016.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância e cidade: restrições e possibilidades. **Educação**, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 232–240, 2018. DOI: 10.15448/1981-2582.2018.2.31317. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/31317>. Acesso em: 16 jul. 2023.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Apresentação. **Cadernos de Pesquisa em Educação - PPGE/UFES**, Vitória, v.21, n.49, **Apresentação**, Jan/Jun 2019. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/66507/1/Sarmiento%202019%20Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20Dossie%20Crian%C3%A7a%20e%20Cidade.pdf>

SEIXAS, Eunice Castro.; TOMÁS, Catarina.; GIACCHETTA, Niccolò. Os jardins/parques urbanos de Lisboa pelo olhar de adultos e pela ação das crianças. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 40, p. 134-163, 2020. DOI: 10.22481/praxisedu.v16i40.6890. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6890>. Acesso em: 16 jul. 2023.

SILVA, Taise Motta Rensch da; KUNZ, Elenor. O brincar dançante: a criança e sua inerente necessidade de brincar e se-movimentar pela dança. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, vol. 23, n. 01, p. 100-108, jan./abr., 2019 ISSN 1517-6096 – ISSN e 2178-5945

SUTTON-SMITH, Brian. **A ambiguidade da brincadeira**. Revisão Técnica da Tradução de Tânia Ramos Fortuna. Petrópolis: Vozes, 2017.

TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos. Protagonismo infantil, pequena infância e docência na educação infantil. In: M. W. Santos, C. M. Tomazzetti, S. A. Mello (org.), **Eu ainda sou criança**. Educação infantil e resistência. EdUFSCar: São Carlos, 2018. p. 207-216.

TONUCCI, Francesco. **A casa como lugar de brincadeira e aprendizado durante a pandemia**. [Entrevista concedida a] Cecília Garcia. Portal Aprendiz, São Paulo.18 de maio de 2020, 2020b.

Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2020/05/18/francesco-tonucci-casa-como-lugar-de-brincadeira-e-aprendizado-durante-pandemia/> Acesso em: 11 out. 2020.

TONUCCI, Francesco. O Direito de Brincar: uma necessidade para as crianças, uma potencialidade para a escola e a cidade. DOSSIÊ TEMÁTICO: Perspectivas para pensar as cidades: infâncias, educação, democracia e justiça. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 40, p. 234-257, jul./set. 2020. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/issue/view/393>. Acesso em: 20 jul. 2020

SOBRE O/AS AUTOR/AS

Marilete Calegari Cardoso. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Docente do Programa de Pós Graduação em Educação (PPEGEd/UESB); Líder do GEPELINF - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Ludicidade E Infância; e na condição de Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Ludicidade (GEPEL/UFBA).

Contribuição para o texto: autora. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3527762185893794>

Como citar este artigo:

CARDOSO, Marilete Calegari. Mirando o olhar à rotina do brincar da criança em casa: pensar a infância saudável e com experiências. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 02, e13054, 2023. DOI:10.22481/redupa.v2.13054